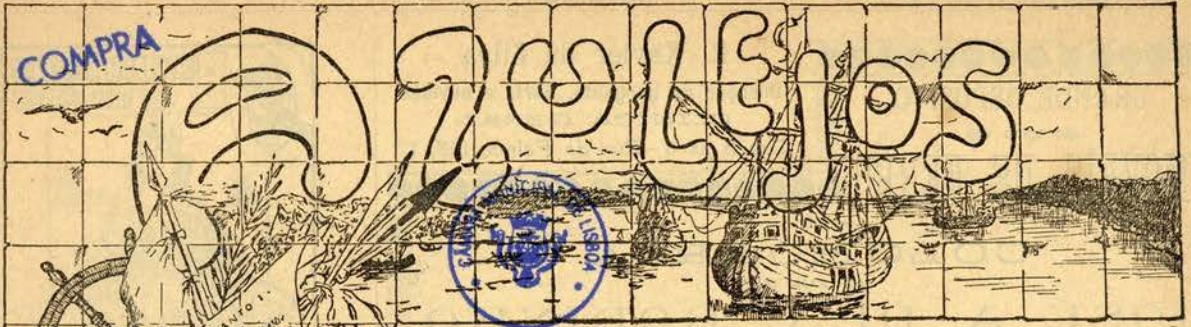


J.101FH



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redação: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Arísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA
Officinas d' impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
3 DE FEVEREIRO DE 1908
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincia..... 300 rs
Colonias ..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6.000 exemplares.

OS NOSSOS
Dr. Theophilo Braga

Pedimos aos Ex. mos Srs. Agentes da provincia, que ainda não satisfizeram os seus debitos da 1.ª Serie a fineza de o fazerem com urgencia, afim de não lhe serem cortadas as novas remessas.



Pedimos aos Ex. mos Srs. Agentes da provincia, que ainda não satisfizeram os seus debitos da 1.ª Serie a fineza de o fazerem com urgencia, afim de não lhe serem cortadas as novas remessas.

Às gerações, com amor,
Do espirito a luz propaga
O erudito professor,
O sabio, o pensador,
O bom Theophilo Braga.

GRANDE DEPOSITO  
DE  
**MOVEIS DE FERRO**  
COLCHOARIA  
DE  
**JOSÉ A. DE C. GODINHO**  
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

**ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS**  
DE  
**Joaquim José d'Almeida**  
Rua José Antonio Serrano, 34—LISBOA  
(Antiga C. do Collegio)  
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

**SALVADOR VILLARINHO PEREIRA**  
Clínica Geral — Partos  
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde  
TELEPHONE 1573

**ALBERTO FERREIRA**  
MEDICO CIRURGIÃO  
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.  
Consultas das 10 ás 11

**ANACLETO DE OLIVEIRA** \* \* \* \* \*  
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦  
\* \* \* \* \* R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

**LUZ KITSON**  
Petroleo por incandescencia  
A mais brilhante, a mais economica  
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

**Retratos a Crayon a 2:000 réis**  
Carta a esta Redacção  
RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

**Januario & Mourão**  
OURIVESARIA E JOALHARIA  
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.  
Importação directa das fabricas.  
**PREÇO FIXO**  
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

**MOTORES DE AR QUENTE**  
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

R. Xavier da Silva  
Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
**CLINICA GERAL**  
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

**PIANOS**  
**A. NASCIMENTO**  
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos encordões para pianos e harpas, etc., etc.  
**TRABALHOS GARANTIDOS**  
*Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)*  
LISBOA

**Pharmacia do Instituto**  
**Pasteur de Lisboa**

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receituario.  
Rua Nova do Almada, 86 a 90  
Em frente ao mesmo Instituto

**JAZIGOS DE CAPELLA**  
**A 200\$000 réis**  
8 Logares  
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

**LOUÇAS-VIDROS-TALHERES**  
QUASI DE GRAÇA  
**SÓ NA CASA DAS LOUÇAS**  
33, RUA DA PALMA, 35  
**Pedro Carlos Dias de Sousa**

**EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS**  
Arte decorativa  
Artigos para brindes

**GATO PRETO**  
Rua de S. Nicolau  
(Esquina da R. do Crucifixo)

**BIQUELETAS INGLEZAS**  
VENDAS A PRESTAÇÕES



**CASA VELO-PORTUGAL**  
J. de COSTA BRAGA-21 RUA MARIA, 23 LISBOA  
BIQUELETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS  
ASSOCIADOS E REPARADORES  
CURRAL DE CRISTO E ALIQUOD-PRACA PORTUGAL PALLOUROS-CAEMPO GILVINDO

**A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR**  
A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.  
Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenaes d'imitadores. Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.  
Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento. Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente: **Bicycletes das mais modestas as de maior luxo por preços rasoaveis.**  
Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De re-to todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades. Em qualidade e em preço fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.  
Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.  
Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

COMPRA



## Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES  
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
3 DE FEVEREIRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura  
(Pagamento adiantado)  
SERIE DE 15 NUMEROS  
Lisboa e provincias..... 300 rs  
Colonias..... 400 •  
Brazil (moeda forte)..... 900 •

Tiragem 6:000 exemplares.



### E TORRADAS



os tempos da minha rapaziada tinha fumaças de valentão e era um tanto desordeiro; tudo me servia de pretexto para uma scena de socco ou bofetada; navalha não usava.

Jogava o sabre, o florete, o pão, atirava á pistola, porque o revolver estava então na infancia, e cheguei a ter fama de perigoso, arranjada não sei como, pois quando se procuravam as victimas ninguem se accusava.

Um dia na escola, tinha uns doze annos, offereci uma bofetada a um condiscipulo que me respondeu dando-me duas, ficando eu com ellas, e muito calado, para não apanhar mais. Annos depois, já com uns vinte feitos, cheguei a levantar a mão para um companheiro da rapioca, mas não tive tempo de lhe dar, levando uma sova que me ficou de emenda e me transformou no mais pacatão de todos os mortaes, porque a experiencia me havia demonstrado que, em me metendo em qualquer barulho sahia de lá com as ventas esmurradas e nodoas negras pelo corpo.

O certo, porém, é que sentia em mim o germen da valentia e, se me conservava tranquillo e socegado, não

era com o receio de levar sovas, mas por prudencia...

Emfim, os annos foram-se passando serenamente e, agora que estou velho, estafado, careca e cheio de cabellos brancos, sou surpreendido pelas faanhas do Raku.

Li o que se dizia do japonês que lá do extremo oriente vinha mostrar ao velho mundo que o Ju-Itzu era a ultima palavra para a lucta e não resisti á tentação de vir a Lisboa vêr o celebre amarello, que me deixou de bocca aberta. Em duas palhetadas, sem ter tempo para dizer *espere lá*, está uma pessoa de pernas para o ar e bate com o corpinho no chão sem haver meio de se aguentar de pé.

Comprei o tratado, vim para casa e, estudando cuidadosamente as posições á vista das estampas que acompanham o volume, uma esplendida edição franceza, comprehendí tudo.

Convencido de que era assim, fechei-me no meu gabinete e transformei-me logo no mais perfeito luctador; e supunha-me já capaz de dar ao Raku uma lição que lhe aproveitasse, obrigando-o a esportular os 500\$000 réis que ainda ninguem logrou ver. Não queria, porem, arriscar-me, por prudencia, sem ter ensaiado a valer as excellencias do methodo. A primeira victima foi a minha creada.

Um dia pela manhã, logo na primeira semana d'este anno, estando ella armada com uma vassoura e disposta a dar uma varredura na casa do jantar, disparo-lhe á queima roupa esta pergunta:

—O' Maria, já ouviste fallar no Raku?

—No Rá quê, sr. João Pacifico?

—No Raku.

—Eu não senhor.

—E' um japonês que está em Lisboa e tem uma maneira de luctar

que vence toda a gente. Queres ver como é?

—Eu sei lá nada d'isso.

—Mas vaes aprender. Defende-te, mas a valer, toma o caso a serio e imagina que eu era um gatuno que te queria palmar as argolas que trazes nas orelhas. Defende-te!

E sem mais tir-te, nem guar-te avanço para a Maria e deixo-a estatelada no chão.

—O' sr. Pacifico, então eu fiz-lhe algum mal; olhe que me magoou.

—Mas porque não te defendeste? Eu não te disse que te aguentasses.

A Maria levantou-se pegou na vassoura que lhe tinha caído das mãos e replicou:

—O sr. hoje não está bom. Então queria que eu tomasse a serio...

—Está claro que sim. D'outro modo não posso saber se estou ou não senhor do methodo. Defende te!

Avancei novamente para a minha creada, mas d'esta vez, não estando disposta a bater com os costados no chão levanta a vassoura, e dá-me uma tarefa em forma.

Saltava para a direita, saltava para a esquerda, mas o diabo da mulher era desembaraçada e a vassoura não me deixou na cara, nas costas, nos braços, a mais leve sombra de poeira.

A Maria tinha tomado o caso a serio e quando lhe gritei *basta!*, a velocidade adquirida era tal que ainda me chegou duas vassouradas.

Fiquei furioso, desesperado com o tal Ju Itzu, que fôra o causador unico do grande fiasco que acabava de fazer e convenci-me de que ir á guerra para dar e levar como se affirmava na *Sabedoria das nações*, era uma peta como tantas outras que andam correndo mundo, pois eu até então só tinha levado, sem nunca haver conseguido molhar a minha sopa.

JOÃO PACIFICO.



## NOTAS SCIENTIFICAS

## Chronica

Influencia do Alcoolismo  
na Mortalidade

Na Academia de Medicina de Paris foi apresentada e aprovada uma moção na qual, se significava ás Sociedades Scientificas de Medicos, Cirurgiões, Barbeiros dos Hospitales e clinicos alienistas dos hospitales e asilos, assim como a todos os individuos da profissão medica, a vantajem de fazerem estatisticas pessoasas sobre a questão que serve d'epigraphe a este artigo.

Foi a Sociedade Medica dos hospitales que tomou a iniciativa do inquerito nos estabelecimentos hospitalares da capital da França.

Seguindo o método geralmente adoptado para estabelecer estatisticas desta natureza, vê-se que o alcoolismo intervem de dois modos diferentes, como causa de morte:—é causa principal, fundamental, unica, quando a morte resulta duma doença notoria e especificamente alcoolica (delirium tremens, paquimeningite hemorragica, certas cirroses especies, etc);—é causa accessoria ou melhor, causa adjuvante, quando a morte é causada por doenças taes como pneumonia, erisipéla, tuberculose, etc., e que appareceram e mataram tão sómente porque o doente era um alcoolico.

Verificou-se que em 1500 falecimentos consecutivos, dados nas enfermarias dos hospitales geraes, o alcoolismo apparece como causa de morte em 33,87 por 100, intervindo como causa principal em 10,20 por cento e como causa adjuvante em 23,61 por 100.

A influencia do alcoolismo sobre a mortalidade faz-se sentir mais nos homens do que nas mulheres, a differença porem é muito menos accusada do que poderia supôr-se, assim: sendo a média no sexo masculino de 38,81 por cento, é ella no sexo fraco de 27,29 por 100, o que é enorme, espantoso e triste. Da comparação destas médias vê-se que, aproximadamente, morrem duas mulheres por cada três homens, por efeito d'intenperança alcoolica.

As manifestações d'alcoolismo que produzem a morte podem sêr de character agudo ou crónico. Das primeiras, a mais frequente é o delirium tremens e logo a seguir, porem mais raramente observados; a paquimeningite hemorragica e a esteatose aguda do fígado; das segundas notarêmos, entre outras, a cirrose hepatica e certas doenças do coração e das arterias que por seu turno, podem sêr

causadoras de apoplexia, amolecimento cerebraes, determinadas doenças de rins, etc.

Todas as doenças que acima indicamos reconhecem o alcoolismo por causa fundamental e delle derivam directamente, mas, a par dellas é necessario não esquecer outras que se desenvolvem, podendo acarretar a morte, unicamente por sêr alcoolico o individuo atingido. Citarêmos a gripe, erisipéla, pneumonia e, em geral, todas as doenças agudas infecciosas. O alcoolico é um mau doente: por um lado, apresenta excessiva receptividade para todas as infecções, por outro, é um organismo fraco, cansado, abatido, sem força para reagir benefica e eficazmente contra o inimigo que o ataca, sempre pronto a succumbir sôb o influxo de qualquer doença accidental. Não ha medico algum que não tenha visto a frequencia da tuberculose nos alcoolicos, o que quer dizer que a pobreza organica produzida pelo terrivel vicio, torna o individuo em extremo accessivel aos germens infecciosos.

Mas, não é só nos hospitales geraes que se palpa a funesta influencia do alcoolismo sobre a mortalidade, se fôrmos percorrer os asilos d'alienados, vêmos que nos manicômios ainda ella é mais consideravel. Joffroy, em 63 obitos consecutivos apura 30 em alcoolicos, 45,60 por 100; e Séglas em 182 mortes mostra que 45,60 por cento se deram em alcoolicos.

No asilo de alienados de Sainte-Anne (1902-1904) por 100 dos alienados do sexo masculino, são alcoolicos—15 por cento dos loucos do sexo feminino são tambem alcoolizados. Em geral, pode mesmo dizêr-se que, na maioria dos casos, o alcoolismo é a causa principal, e verdadeira da alienação: 27,75 por 100 para os homens, 8,5 para as mulheres.

O que acabamos de escrever mostra bem que a influencia do alcoolismo sobre a morbidade, e especialmente nas grandes cidades, é enorme. Se as estatisticas officiaes filiassem n'este horrivel flagelo humano todos os obitos que realmente d'elle dependem, em logar de dissimular os, como tanta e tanta vez acontece, sôb as denominações de diversas doenças organicas das quaes o alcoolismo é causador, vêr-se-ia este pôr-se a par da tuberculose na vanguarda das causas de morte.

Concluindo: o alcoolismo é hoje em quase todos os paizes uma vergonha social e uma das principaes causas de morte. Como factor eficaz dos obitos intervem causando a terça parte da mortalidade geral. E' a causa principal, e mesmo unica em dez por cento das mortes e causa accessoria ou adjuvante em 23 por 100. Metade do numero d'alienados que morrem são alcoolicos.

O alcoolismo é pois um verdadeiro perigo social. Todo o homem honesto deve combatel-o.

L. J. M. F.

## ESPIRITISMO

## Alem Tumulo

Comunicação atribuida  
ao espirito de EMILIO ZOLA

Decorreram as horas e o dia succedeu á noite. Zola acordou, sentindo-se invadido por estranhas e inacostumadas sensações. Devia têr sonhado... nem disso podia têr a menor duvida. Sentira-se morrer... mas agora, todas as facultades do romancista acordavam nêlle. No entanto, era esquisito e como que apavorado! A cabeça... oh! a cabeça doia-lhe atrozmente... os membros lassoos, cansados... um como torpor imenso e insuperavel de rancôr aniquilava-lhe todo o sêr. Olhou em roda! Onde estava? Que era feito dos objetos que ha pouco o rodeiavam? Do quarto onde houvera adormecido? Cercavam-no homens desconhecidos, de semblantes piedosos e compassivos, parecendo quererem prodigalisar-lhe amistosos serviços! Quem eram?

«Animo, meu amigo, exclamou um dêlles, faça um esforço! Um esforço ainda e conhecerá a verdade inteira.»

Subitamente, reapareceram em Zola a energia e a vontade que sempre o caracterisaram e, lutando a todo o transe com o pesado sôno que de nôvo tentava invadil-o, saiu da nuvem que lhe envolvia a intelligencia e sentiu-se fisica e intelectualmente mais leve. Conheceu que já podia raciocinar, investigar, achar porquês... De par com a desobstrução da intelligencia, a vista tornava-se nitida e clara. Mas, coisa assombrosa de dizer-se, á medida que renascia a personalidade do *homem*, o misterio tornava-se de mais em mais impenetravel. Que mundo extranho e nôvo o rodeiava? Pois quê... poderia haver alguma coisa de aspecto assim desconhecido e emocionante... para elle... para o autôr mundial e fecundo para quem não tinham segredos a miseria e a opulencia, o farrapo e a purpura, a viela e o palacio?

Zola dominado pêlo ignoto!... Nunca! E Zola quiz sabêr, conhecêr a verdade!

Como sentisse o ardente desêjo de revêr o seu quarto, aconteceu que, em virtude da comunhão do seu *querêr* com tal desejo, foi o seu voto satisfeito e o romancista achou se, num momento, transportado á habitação onde ha poucas horas adormecêra, mas, chegado abi, que enorme surpresa o esperava.

No quarto encontravam-se alguns homens, gente de justiça na sua maioria, revolvendo tudo que encontravam á mão, abrindo gavetas, caixas, moveis, lendo papeis e trocando impressões, e, estendido na cama, hirtto, rigido, têsso, gelado, encontrava-se... elle... elle... o proprio

Zola. . . que, misterio insondavel! se via morto e se sentia vivo, pensando, vendo, raciocinando.

De repente, vieram ferir-lhe os ouvidos as seguintes palavras:

«Deve ter morrido ahí pela uma da madrugada.»

Esta frase foi uma revelação para elle! Sim, o corpo morrerá mas a alma subsistirá... não podia duvidar. E, subitamente, apossou-se d'elle o desejo louco de tornar a insuflar a vida nesse cadaver prestes a corrompêr-se e, rapido como o pensamento, atirou-se violentamente sobre esse corpo que fora o seu, abraçou com frenesi, apertou-o d'encontro a si como para se lhe introduzir pelos poros, sacudiu-o para que os musculos retomassem a elasticidade vital, abriu-lhe as palpebras afim de fazer renascêr a expressão da vida no olhar vitreo e mudo...

Insensata tarefa! Esforço vão!

O cadaver permaneceu cadaver!

Nos labios azulados dêsse corpo, que a podridão espreitava, esteriotipava-se o sorriso particular da morte, que parece estar dizendo e repetindo sempre:

«Vêjo tudo, compreendo tudo».

(Continúa)



## O Crime

### "Dellard"

GORON

(Continuação)

O diabo do rapaz contedia-me com os nervos; nunca estava satisfeito; era-lhe necessario sempre um *tudo nada* a mais. Mas não falámos mal do M..., o seu testemunho fora, desde o inicio do processo, o mais precioso, o mais importante e, com franqueza, se todas as testemunhas fossem tão meticulosas como esta, quão simplificado não seria, a maior parte das vezes, o trabalho da justiça.

Anastay parecia, nem sequer suspeitar, qual a terrivel accusação que pesava sobre elle. Conduzi-o ao gabinete do juiz d'instrução, Mr. Poncet.

Apoz as inquirições preliminares e do estilo, disse-lhe:

— Anastay sabe de certo que a baronêza Dellard foi assassinada no dia 4 deste mês: queira dizêr-me em que empregou o seu tempo nesse dia.

Anastay quedou-se um momento a olhar espantado para mim e voltou logo entre admirado e ironico.

## Mascaras illustres



Emilio Zola

— Essa agora! Imagina, por acaso, que fui eu quem assassinou a baronêza?

— Não imagino, tenho a certeza. Foi o sr. quem cometeu o crime.

— Eu! exclamou Anastay aterrorisado. Mas de repente, mudou de tom e disse, o mais naturalmente que imaginar-se possa:

— Meus srs., ponho-me absolutamente á sua disposição, afim de provar-lhes á evidencia o absurdo de tal accusação.

E encolheu desdenhosamente os hombros.

— Temos o maior empenho em passar uma busca ao seu domicilio, disse o juiz d'instrução.

— E eu, exclamou Anastay, a maior satisfação em acompanhá-los.

Partimos. Chegados a casa do acusado, a primeira coisa que se nos deparou foi o celebre, mirifico e nunca-as-az cantado casação de panno azul com riscas em diagonal importante artigo de vestuario de que toda a gente falava. Examinei-o escrupulosamente e com os olhos de policia que quer vêr.

— Uma nodosa de sangue, gritou Jaume aqui... na algibeira do lado direito.

— Deixe ver, exclamou o juiz.

— Veja sr. juiz, tornei eu, é essa manchinha que ahí está, do tamanho duma ervilha.

— E bem nitida, acrestou Jaume.

— E' incontestavelmente, uma mancha de sangue, confirmou Mr Poncet.

— Tem graça, exclamou Anastay tentando sorrir, é sangue d'um golpe que fiz no dèdo minimo.

E mostrou, *estupidamente*, o dèdo minimo da *mão esquerda*.

Ora a algibeira suja de sangue, era a do lado direito!

Olhei para o juiz d'instrução; não trocámos uma palavra mas, percebi que estamos d'acôrdo.

Anastay foi conduzido outra vez ao edificio da Segurança e a prisão mantida.

Dêvo dizer que, durante esta busca, tive occasião de me apressar do revolver da ordem que me fizera pensar na ideia que Anastay teria de suicidar-se no caso de ser preso. Estava descarregado.

(Continúa)

## Epigramma

Por uma rosa que eu tinha,  
Perdi todo o capital;  
Era uma rosa meiguinha  
Tinha porem uma espinha  
.....  
Era a espinha dorsal.

SILVINO.

## Peña de Talião

Manuel Maria Barbosa du Bocage

(Elmano Sadino)

IV

Citas um verso mau, mil bons não citas,  
Citas um verso mau, que não transforma  
Em matos os jardins. E' natureza  
Estarem par a par espinhos, flores.  
E não sabes, malevolo, que a regra  
Une a tenues objectos simples phrases?  
Se imparcial, se critico escreveras,  
Centenas d'aureos versos apontáras,  
Sem d'um só deduzir sentença iniqua.  
Da Ansonia o quadro, ou venerando, cu bello,

Com justa, sabia mão presentarias;  
Edades cento blasonando ao longe  
Co'a ruina immortal da excelsa Roma.  
Ante as aras carpindo Amor, saudade,  
E ao ceo medrosas lagrimas furtando,  
Aos amigos dos homens e dos nunes  
Na terra verdejando elyseeos novos;  
Correntes sem rumor como as do Lethes,  
Os males na memoria adornecendo,  
Em marmores corinthios alvejantes.

O grande Fenelon e o grande Henrique.  
Se o rival de Virgilio (o que proclamas,  
Porque da Galia é filho e não da Lysia  
A cujo sei em que borbulham genios  
Chamas com lingua audaz esteril d'elles)  
Se o rival de Virgilio ouvisses os versos  
Do interprete fiel, não rudes escravo  
Honrará co'um sorriso tuas suores.

Pede ao mole Belmiro, anão de Phebo,  
Ao que ergues uma vez e mil derrubas;  
Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco  
Nas tendas, nos cafes deveu sarcasmos;  
Pede ao bom Meliseu, d'Arcadia fauno,  
De avelada existencia e mente exhausta  
Que affectas lamentar, e astuto abates  
Que por alfello troca os sons d'Eutherpe,  
(Os sons da sua Eutherpe, e não da minha)  
Dize ao teu côro de garganta indocil,  
(Sem que esqueça o pygmeu do corpo e n'alma)

Dize dos corvos de Ulyssea ao bando  
Que interprete qual fui d'eximios vates  
Não pagos d'ir no rasto o vôo alteem;  
Ou tu mesmo apresenta, offerece á crise  
De gordo original versão mirrada,  
Sulcado o Estacio teu de unhadás minhas,  
De muitas que soffreste e que aproveitás,  
N'elle (Oh magua! Oh labéu) por ti mudado  
A pompa na indigencia, o luto em riso;  
Mostra em teus versos as imagens suas  
Tibias, informes, encolhidás, mortás;  
Desdentado leão, leão sem garras,  
Que á longa idade succumbiu rugindo,  
Mas leão que de perto inda é terrivel,  
E que no quadro teu vale um cordeiro  
Ou mais: a Luziada não sumas,  
Que o numero de versos fez poema,  
Tal, que seu mesmo pac sem dor o enterra.  
Expõe no tribunal da Eternidade  
Monumentos d'audacia não d'engenho;  
O prologo alteroso em que abocanhas  
Do luso Homero as veneraveis cinzas,  
E não do inepto de apoucado arguas  
Quem de ephemeros vivas, não contente  
Chegando a mais que tu, se atreve a menos

Nem sómente Melpomene dispensa  
Grã nome, nem Caliope sómente,  
Como os Voltaires na memoria vivem,  
Lafontaines, Chaulieus subsistem n'ella;  
Todos tem nome e grau, tu mesmo o dizes  
Contraditorio, timido versista;  
Thema que escolhes, genero que abraças  
Não te honra, nem desluz, no desempenho,  
O lustre a gloria estão. Tem jus á fama  
O vate, ou cante heroes, ou cante amores,  
Com tanto que de Phebo as leis não torça  
Aos mui varios assumptos ajustados.  
Co'a materia convem casar o estylo;  
Levante-se a expressão se é grande a ideia,  
Se a ideia é negra a expressão negreja,  
E tenue sendo se atenua a phrase.

(Continúa)

## RUBRA DIGITALIS...

A meu querido irmão  
Amadeu da Costa Freitas

Era bella e divina a Mariquitas. Vivia n'uma casinha branca, muito branca, docemente beijada pelo rio, além entre os ramos negros dos choupos e as flores dos salgueirais.

Como era bonita, mesmo muito bonita, todas as noites quando o luar vinha pratear-lhe os vidros da janella, envolvendo-a n'uma doce claridade, eu ouvia os accordes d'uma guitarra acompanhando ternas canções d'amor e de saudade, d'alguem que vira devagar e de mansinho, rio-acima, quedar-se em frente d'essa casita branca, muito branca, docemente beijada pelo rio!...

E a guitarra ora suspirava e gemia, ora ria e cantava!...

Um dia — que pena e que tristeza! — a Mariquitas morreu, morreu como uma flôr d'aquelle dia! Levaram-n'a para o cemiterio estendida n'um caixãozinho branco..., os labios abertos n'um sorriso... serena e tranquilla como quem descansa... enterrando-a n'um coval estreito!...

Desde então eu nunca mais, nunca mais, tornei a ouvir os accordes dulcíssimos da guitarra, que vinha devagar e de mansinho, altas horas, quedar-se em frente d'essa casita branca... muito branca... docemente beijada pelo rio!...

E' que o esquite da pobre creança fôra feito das pequeninas tabuas d'essa guitarra amante, que ora ria e cantava... ora suspirava e gemia!...

Porto — 1894.

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

Versos que acompanharam uns  
Cumulos que o seu auctor nos  
enviou.

## Ora ahí esta o que foi

O rheumatismo cruel  
Não me deixa passear:  
Deu-me então p'ra estragar  
Essa folha de papel.

Cumulos fiz a granel  
Que lhe mando entregar.  
E' provavel não gostar  
De tamanho arancel!

Fique certo no que digo:  
—Elles não valem dez réis—  
Se, concorda, meu amigo

Ponha já tanto rabisco  
Dentro do caixão do cisco  
Ou na cesta dos papeis

JOSE PAIVA SOARES DINIZ

17-1-908.

## Rubra Digitalis

## Amor do mal

...e en havia de comunicar-lhe a fogo violento... e eu havia de faze-la morrer e reviver ao mesmo tempo, para que eu pudesse ser aos seus olhos mais do que um homem!

Gabriel d'Annunzio

Por teu labio gentil, vermelho, delicado,  
— Flôr ideal da paleta estranha de Corregio! —  
Passou, pobre de ti, — funesto sacrilegio! —  
O verme venenoso e negro do peccado:

E por onde elle passa, hiante, embrutecido,  
Deixa o rastro fatal, a baba inextinguivel  
Que a serpente do mal cuspiu no apeteçivel  
Fructo do paraizo, á Eva prohibido.

Passou pelo teu labio, á flôr da epiderme,  
N'uma orgia brutal, o mais impuro verme!  
E eu, que t'o beijeji, outr'ora, com transporte,

N'uma emoção de fé ardente, semi-louca  
Ouço a vaia sinistra e caustica da morte,  
Anda-me aquelle beijo a apodrecer na boca!

## AMOR...

O amor é doença que tem por remedio um beijo ou a morte.

Antonio Nobre.

— «O amor! o amor! o amor!» — e riú ás gergalhadas,  
Ella, a pobre bachante a rastros nos cafés,  
A Carmen, na rebecca, uivava ás navalhadas;  
Um vadio dormia em seus farrapos chuéis.

— «O amor! o amor! o amor!» — «Fugiu-me a luz dos olhos  
E sorvi de um só gole o calice de absintho...  
(Beber até cair!) — «O' rosa dos abrolhos,  
Tivesses coração, sentisses o que eu sinto:

Uma bella visão ophelica, serena,  
A sorver-me n'um beijo, a abraçar-me, a sorrir,  
Linda e triste mulher, esposa da gangrenal!» —

Ella fitou-me então com seu olhar sem cor,  
Estremeceu, rugiu, n'uma explosão sem dor  
E desatou n'um choro, a rir, a rir, a rir!

Lx.º 10-11-1907.

ASTRIGILDO CHAVES.

## CLARISSE

(Continuação)

II

Esperava effectivamente a belleza, mais original e distincta do que correcta, da parisiense, e encontrava reunidas a perfeição da linha e a graça pensativa, o marmore grego e a vinheta de Gavarni.

Mas porque rasão aquelle rosto encantador estava banhado em lagrimas?

Qual podia ser a causa? Que lhe annunciava aquella carta que parecia te-las provocado? A morte d'um

parente? Não se isolaria assim para chorar e o fato seria de luto. Uma traição d'amor? Era muito nova e muito bella para ser enganada.

O que então?

Estava sentada d'um banco de madeira, na minha frente, e as mãos tinham deixado cair a carta.

Levantou-se bruscamente. apanhou a carta que lhe havia caído aos pés e, occultando a no seio, correu para o bosque.

No momento em que ia deixar o meu posto de observação, pensei que tivesse sido vista pelos que chegavam; o movimento causado pela minha fuga, trahindo a minha presença, daria talvez logar a supposições desagradaveis para ella. Não podiam vêr-me no massiço de folhagem em que estava occulto. Posto que nada me parecesse digno d'atrahir-me a attenção d'ali em deante, decidi-me a ficar.

Mas aquella bella afflicta interessava-me muito exclusivamente para que de boa vontade me resignasse na sua ausencia ao constrangimento a que estava submettido n'aquelle logar, e começava já a lamentar seriamente haver-me exposto a eile, quando vi a minha desconhecida sair d'uma alameda lateral e ir reunir-se ao primeiro grupo de passeantes que havia chegado, a alguns passos de mim.

Este grupo compunha-se d'um sujeito de certa idade, com trajo de campo; d'uma senhora coberta de flores e fitas e d'uma menina de vestido côr de rosa, de physionomia vulgar, pelo menos tanto quanto a pouca attenção com que a honrei me permitiu notar.

A minha mysteriosa heroina deu o braço a esta ultima e começou a andar escutando o velho que fallava com muita animação.

Socegada, e se não alegre pelo menos tranquilla, sorria ás palavras que lhe eram dirigidas e que começava a distinguir.

— Ficou a jogar o bilhar, dizia o velho respondendo sem duvida á pergunta que não tinha ouvido. Mas, o essencial é ter acceitado, tirando-nos d'um grande embaraço. E no entanto, se não fôra a insistencia verdadeiramente incomprehensivel de sua mãe, a presença d'esse rapaz que eu ignorava, quando lhe fiz o pedido, ter-me-ia decidido a esperar occasião mais favoravel.

— Mas porque? perguntou a senhora das fitas e flores. Esse rapaz pertence a muito boa familia e não vejo que inconveniente pode haver.

— Que inconveniente, minha senhora? Não lhe disse já que é um artista, isto é um doudivanas que, em vez de continuar a vida honesta e lucrativa de seu pae, vive em Paris, sob o pretexto de pintar, e come, não se sabe de que modo, o modesto patrimonio que herdou cedo de mais.

TRADUÇÃO.

(Continúa.)

# NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÉRES

José Augusto de Mello Vieira

II

A's 8 horas da manhã de 28 começaram a ser despejados os saccos que entrincheiravam a columna, pelas 8 e 40 minutos iniciou-se a marcha em quadrado para a étape seguinte. Uma marcha linda, as faces da frente e rectaguarda muito alinhadas, as dos flancos muito bem cobrindo pela frente e na enormidade d'aquella planicie ao vermos ninguem diria que iam bater o gentio mas sim que exhibiamos um numero de parada.

Cerca das 9 e meia devisaram-se ao longe grupos de Cuamatas que a artilharia com os seus bellos tiros, repelliu conseguindo nós depois de uma conversão que foi necessario executar chegar ao Aucongo ás 11 horas e meia e sem alteração de maior.

Ahi chegada a columna, as segundas fileiras trataram do entrincheiramento em quanto as primeiras de atalaya iam vigiando o campo exterior.

Cada unidade mandou gente abrir cacimbas, pequenos buracos no chão d'onde se venha despejar a agua das chuvas infiltrada no terreno, e ao cabo de algum trabalho, não pouco, diga-se, conseguimos beber pela primeira vez agua do territorio inimigo, barrenta, lodosa e de máu gosto, mas á vontade; deixára de funcionar a *hydraulica*. Convem agora explicar o que é a *hydraulica*.

Quando partimos do forte, e visto terem faltado os carros Lefébre, encomendados para o transporte d'agua, carros que quando a columna de regresso passou nos Gambos iam para Cunéne, resolveu o commando que sobre carros boers se collocassem tanques de zinco que nos acompanhariam cheios e constituíam a secção d'agua. Em 26 e 27 a esses carros iam as praças e officiaes receber a sua raçõesinha d'agua e d'essa distribuição era encarregado um pessoal sob as ordens do ajudante do commandante. Aos carros, ao pessoal e áquillo tudo chamavam os soldados *hydraulica*. Posto este parathesis, prosigamos. A' tarde, pela

volta das 4 horas, e em vista do gado não beber desde a vespera, saíram os esquadrões, o segundo apzado e de cavallos, conduzindo consigo os bois do comboio, á data d'agua a umas cacimbas que ficavam na direcção da face esquerda do quadrado.

Surprehendidos e perseguidos pelo inimigo de perto retiram accossados pelo intenso tiro, acompanhando-os os Cuamatos que entenderam que nos deviam mimosear com bastos tiros. A artilharia na direita, a marinha na frente carregando, a companhia de guerra na esquerda, conseguiram parar este ataque do inimigo aguerrido.

As rações frias que se tinham recebido no forte para dois dias, estenderam-se a este terceiro, pois impossivel

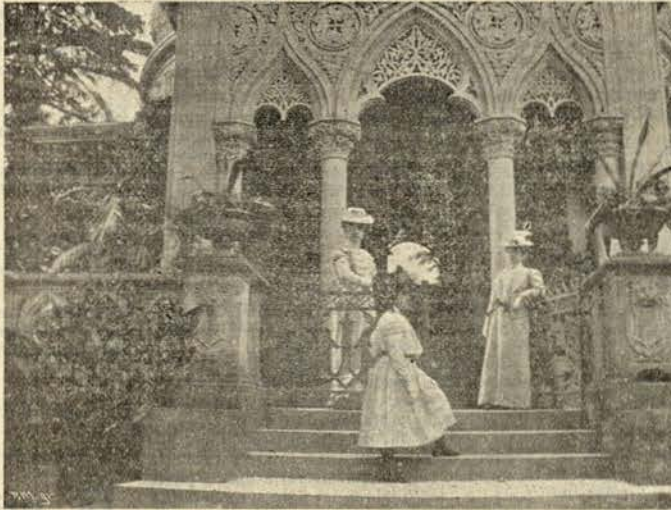
das pelos nossos inimigos de perto bastante. Cahia a noite e o gentio desajando tirar o maximo partido da situação e aproveitar o escuro para tentar um bom golpe de mão pretendeu em quanto atacava pela rectaguarda a força que retirava por lanços envolver o destacamento ou pelo menos collocar-o em condições difficeis e assim já com os nossos á vista, ahi a uns 1.500 metros, desenhou um ataque ao flanco direito e pelo esquerdo procurava tomar logar na frente embargando assim o passo aos nossos e aproveitando a especialissima situação em que elles se achavam pela proximidade a que se encontrava o quadrado, não os poderem repellar pelo fogo.

Percebidos os intentos do gentio immediatamente sahiram dois pelotões da face da esquerda, eram da Companhia de guerra, e constituiu-se rapidamente no flanco mais ameaçado um colchete offensivo sendo o inimigo repellido passadas algumas descargas.

Nos dois dias tivemos tres mortos e varios feridos.

Continua

## Portugal pittoresco



CINTRA — PORTICO DE MONSERRATE

Photographia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Maria Lopes

foi cosinhar o rancho. A' noite estabeleceu-se o serviço de segurança e passou-se sem novidade. Já que fallo no serviço de segurança, direi qual elle era.

De dia um terço da força em armas, por unidade do commando d'official, lançando para a frente sentinellas; um official d'inspecção; de noite uma secção por pelotão, um official de ronda por unidade, e um official de ronda ao bivaque.

No dia 29 a manhã passou-se sem a mais pequena variante. A' tarde, pelas 3 horas, uma parte da columna — a 1.<sup>a</sup> companhia europeia, a 2.<sup>a</sup>, os 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> esquadrões de dragões, e uma secção Ehrardt commandada pelo chefe de estado maior, foi proceder a um reconhecimento na direcção E, isto e na da face esquerda. A marcha cautellosa e sábiamente dirigida fez-se sem novidade, mas ao chegárem as forças á libáta (especie de aldeia) da Fidalga, parente do sóba, travou-se o combate que se prolongou até tarde. Retiraram as forças, cumprindo o serviço, acompanhá-

## Pensamentos

O casamento é a suprema aspiração de duas almas gêmeas

B. CASTRO

As febres d'alma são como as do corpo, curam-se quasi sempre com a mudança d'ares.

MERCIER.

## Virgem

No dia em que te vi li a Ventura  
Na biblia aberta dos teus olhos lindos,  
Como um propheta sob os tamarindos  
Ao lêr á tarde, os versos da Escripura.

E vi tanta pureza n'esses olhos  
Macerados, pisados do Martyrio,  
O' minha rosa branca sem abrolhos,  
O' visão dos meus sonhos de delirio,

Que ergui minh'alma á concepção do Bem,  
Que sagrei o Amór, tendo o baptismo  
De luz que inda não vi em mais ninguem

E levantei um templo sacrosanto,  
Onde ás horas de dôr medito e scismo,  
Onde choro a teus pés desfeito em pranto

EDUARDO METZNER

## A meu afilhado «Antonio Germond Belzelga, no dia 3 de Fevereiro do seu primeiro anniversario,

O amor da Patria, não é mais que uma generalisação do amor da familia:  
Presta culto acendrado a este sentimento, e serás bom filho, valente soldado, e cidadão prestante.

### A ultima lagrima

O Manuel da tíAnna, garboso militar com serviços assignalados na Africa, viera a este mundo em dia bem fútidico e lugubre.

Nem o sol se mostrara por entre uma clareira aberta no Ceo pejado de nuvens, nem um canto de rouxinol sobre o beirado carcomido e musgoso, d'aquella humilde casita de sua aldeia natal.

Para maior desgraça, sua mãe morrerá após alguns dias de uma febre puerperal gravissima; e o pequenito, cheio de vida, e lindo como um anjo, não teve sequer onde bebêr as primeiras lagrimas, n'esse nectar delicado que só as mães vertem do seio repleto de vida e amor!...

Do catre ainda tepido, onde jazia a pobre morta, passou o desgraçadinho para os braços da tíAnna, que o recebeu por piedade, a chorar de alegria...

«Será o anparo da minha velhice,» (dizia a boa mãe: eternecidamente.) «e quando os invernos me tolhêrem o trabalho, e me impossibilitarem de angariar o pão de cada dia, Deus proverá do seu altissimo remedio!...»

Foi crescendo o rapazito, acalentado n'essa atmosfera de carinho e bondade que é o segredo do coração da mulher, vivendo a vida livre da natureza, perseguindo as avesitas nos seus ninhos, e passando dias inteiros perdido por entre moitas e silvêdos.

Porem, como a infancia passa no rapido bater de uma aza leve, presto, chegou a adolescencia, e logo após a virilidade em que os sonhos da creança tomam vulto, os sentimentos se definem, e o caracter reveste a sua modalidade definitiva.

Era o Manuel um modelo dos rapazes bem inclinados; e nunca a boa velhinha que o adoptara, tivera um instante de arrepende-se, da sua generosa iniciativa.

Educara-o conforme ás suas ideas de moral sã e justa, e, se não pudêra fazer d'elle um letrado, conseguira formar-lhe uma boa alma para Deus e um bello coração para a sua Patria!...

Hoje, era o Manuel, que por sua vez se tornara o arrimo da já trôpega e cançada velhinha.

Tratava-a com o carinho de um filho e o respeito mais acrisolado. Nunca retirava da sua fêria a mais ligeira parcella para alimentar vícios ou dissipações, e ao chegar extenuado ao ultimo dia da semana de um probro labutar, sentia a consolação de um devêr cumprido, e o da consciencia satisfeita.

Chegou todavia a hora esperada e tantas vezes temida, em que o Manuel havia de entrar nas sortes.

Secaram de tanto chorar, os olhos da velhinha, que antecipadamente previra que o rapagão robusto e sadio que era todo o seu entêvo, havia, certo, de ser approvedo no sorteio militar.

E tanto chorou, tanto carpiu, que dos seus olhos, onde por largos annos se reflectira a imagem querida do seu Manuel, fugiu toda a luz!...

E nunca mais carpiu, e nunca mais chorou...

O Manuel, lá foi servir o Rei, depois de suffocado em pranto, ter apertado ao seio a cêguinha, em cujos olhos as nevoas haviam velado todas as lagrimas!...

São passados dois annos.

Das Campanhas aguerridas de Africa chegam os primeiros clamôres da victoria.

Portugal, o velho e indomito luctador, mostra nas suas veias o sangue azul da sua levantada extirpe.

Em pleno seculo XX, o sangue rubro de seus filhos, tinge n'um caudal de generoso Amor patrio os campos da refregal.

Contam-se episodios unicos, assombrosos de heroismo!...

O peito da Patria estremece de reconhecida gratidão, e o sol luzitano doira de novo a aureole brilhante, para saudar n'um beijo de fogo os seus filhos dilectos!

Chegam os heroes!  
A Patria agita-se n'um frêmito geral de entusiasmo; e as flores, os risos e as lagrimas, accodem a juncar o chão por onde vae passar o triumphal cortejo...

No meio d'aquella turba feliz, alguém se gue tristemente sorrindo, com os olhos muito longe d'alli, alheio á propria gloria, n'um encêrro de si mesmo, pensativo e sublime!

E' um soldado bello e valente, que fôra por mais de uma vez ferido no campo inimigo.

Altivo e sereno, pisa as flores que juncam a estrada com a mesma sublime indifferença, com que, lá muito longe da sua Patria, pisava as balas que vinham humilmente cahir-lhe aos pés!

Não ouve os clamôres, nem comprehende as homenagens.

Um pensamento o domina.

Dilata-lhe o coração uma esperanza!

Procura entre a multidão um rosto amigo... mas, depressa comprehende a inaniidade do seu desejo...

Procura talvez, o olhar amortecido em nevoas de chôrro, d'aquella sua mãe adoptiva que nunca mais vira, de quem nunca mais soubera!...

E agora, já chegado ao quartel, com o coração angustiado e a alma cheia d'aquelle desejo ardente, pede ao seu commandante que o deixe partir para a sua aldeia, para junto d'aquella casita de telhado carcomido e musgoso, onde os rouxinoloes vinham socegradamente agora poisar á tarde a ensaiar descantes...

Pela estrada ensombrada de castanheiros que conduz á aldeia risonha, onde viu a luz o nosso heroe, vae n'aquelle dia uma azáfama e gritaria ensurdecedoras.

O rapazio da terra, n'uma chilreada compõe de pau buxo, rosmaninho, e outras flores silvestres, um grande arco triumphal.

Vae chegar o Manuel da tíAnna!...

Contam-se factos espantosos do seu heroismo, da sua bravura!... O barbeiro da terra, e o regedôr, assistem a toda aquella festa; e cada qual requer para si a sua quota parte na formação do caracter bellico e generoso do mancebo... porem, a rapaziada estúrdia, berra que tudo aquillo é prosapia, e que toda a instrucção do Manuel foi ministrada pelo senhôr Prior a quem o mancebo ajudava á missa dos Domingos.

No entanto, eis que assoma na primeira volta da azinhaga, a figura esbelta do heroe, estugando o passo, apressado, comovido, cheio de ansiedade e surpresa, como que a interrogar toda aquella gente n'uma pergunta, que os seus labios pallidos não ousam formular...

Porem, os abraços, os beijos, os vivas, confundem-se n'um apertado festão cheio de viço e amor que o envolve, e tranquilisa.

Agora, sim, agora comprehende o Manuel aquellas ovações e sente o calor das homenagens!...

Vive!... E' viva a sua velhinha!... Diz-lh'o aquella festa ruidosa, entende-o, nos effusivos abraços e apertos de mão calorosos!...

E agora, com o coração alliviado de um peso enorme, lá vae em triumpho, para a casita onde nasceu, e onde o espera, n'uma ansiedade crescente, a sua mãe adoptiva.

Não vos descrevo o transe de commovido enlêvo que se passou então...

A cêguinha não ria, porque os seus labios ressequidos, já não sabiam rir, e a sua alma cheia de saudade e amargura, em vão procurara modular um sorriso; porem, d'aquelles olhos, onde a luz fizera eterno poente, desprendêra-se uma lagrima de infinita doçura; e o esforço inaudito de uma alma gasta de soffrêr, que procura expressar material-

mente o seu intimo e espirital regosijo!...

E essa lagrima, producto do esforço indizível de um coração torturado, viera cahir sobre o peito do mancebo, n'aquella altura da farda onde é uso pregar medalhas e condecorações de valor militar!...

Hoje, o Manuel, em cujo peito não avultam as insignias do seu merito de soldado, é o rapaz mais feliz e considerado da aldeia; e quando alguém lhe pergunta por medalhas ou venêras, olha eternecidamente para o peito e sorri.

E' que, só elle, vê lá brilhar em scintillações que o deslumbram e nobilitam, a ultima lagrima da sua velhinha!...

Lisboa, Fevereiro 908.

JORGE CALLADO.

## Sociedade

Ao meu amigo e collega  
Henrique Caetano de Sousa

Aspecto horripilante, a fronte encarquilhada, O diadema do Mal cingindo os seus cabêllos, Sanguinaria visão que causa pesadêllos, Hypocrita, ruim, de crimes atulhado.

Eis aqui o retrato, apenas esboçado, Do monstro informe e vil que chamam Sociedade, Que tem nas garras presa a Santa Liberdade E alinha d'utopista o homem revoltado!

Jamais a luz do Bem surgiu no seu semblante. Apenas a infernal paixão d'uma bacchante Traduz o seu olhar em rúbdos clarões!

Mocidade, vivei! Largae essa Indifferença! Segui ao lado meu os trilhos da Descença! Sim. Guerra á hypocrisia! Abaixo as Convenções!

LX.ª - 20 - Jan.º - 908

MAC ILLERNO

## A minha Mãe

No dia do seu anniversario natalicio

Como um só Deus nossos destinos rege, Um sol apenas illumina a terra, Um coração o nosso peito habita, Uma só alma o nosso corpo encerra, Assim o homem n'este mndo tem Um verdadeiro amor: o amor de Mãe!...

Amor de Mãe! luz divina e pura, Sagrado guia que minh'alma adora, Anjo do bem perante o qual se dobra Nosso joelho respeitoso, embora Pouca valia tenha esta homenagem De humilde incenso a tão sagrada imagem!...

Amor de Mãe, alabastrina fonte Inesaurivel, de bondade infinda! Amor de Mãe é quasi amor de Deus, Quem ousará vir contestal-o ainda? Amor de Mãe, acrisolada flor! Amor de Mãe! Salvé bemdito amor!...

No dia de hoje, minha Mãe, quizêra Sêr um talento, um genio, um grande vulto, Sêr rei, pr'o sceptro lhe depôr aos pés; Sêr Deus, pr'os Anjos lhe prestarem culto... Mas nada posso, nada sou, e, entãto, Fizeste pobres versos, Mãe...

Perdão!...

Evora - 18-11-07

José CORDOVI.



## BORDADOS E RENDAS FEITICEIRO DAS TREVAS

Quiz dar-nos a honra de dirigir esta secção a gentilissima senhora D. Maria do Ceo Beça, virtuosa esposa do Ex.<sup>mo</sup> Sr. capitão Desiderio Beça



e illustre directora do jornal «Bordados».

O *Azulejos* começa de hoje em diante a publicar gravuras de bordados originaes, devidas á penna artistica d'aquella illustrada dama, para as quaes chamamos a attenção das nossas estimadas leitoras.

Aqui deixamos exarado o nosso reconhecimento para com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ceo Beça, valiosa collaboradora do nosso modesto semanario.

### Perfil

V uma feita de luz; usa lunetas  
 N o estio vai pr'a Cintra v'ranear,  
 A nda de frack e grandes botas pretas,  
 A arrancado d'aspecto e duro olhar,  
 C ogo, porem, que o ouve algum fallar  
 C LEETO encontra-lhe diff'rença, porque a voz  
 E m o condão de em breve o transformar.  
 O u não nos transformasse a todos nós!

MISS WHITE

### A uns olhos galantes!

—Teus olhos lembram o mar,  
 Que é de perolas fecundo,  
 E ahí n'esse mar profundo  
 Quem me déra navegar,  
 Fosse ou não eu naufragar  
 Cheio de amor e de zêlo,  
 Meu barco quizera vê-lo  
 Minha Esperança fluctuante  
 Singrando, aos beijos, ovante,  
 Nas ondas do teu cabello.

INGRATO

## VARIEDADES

**Bolo Saudade.**—Partem-se doze ovos e batem-se muito bem, lançando-os depois dentro d'uma porção de calda em fios grossos.

Depois de cosidos, deitem-se os fios sobre folhas delgadas, collocando-lhe em cima um pedaço de cidra ou de um doce crystallizado, cubrindo tudo com fios d'ovos e levando ao fogo brando.

Polvilham-se os bollos de canella e assuam quando se servem.

Consulente. — Vasco G. F. F.

Desejo constante de ver e saber. Energia e perseverança em todos os actos da sua vida individual e social. Prazêr e paixão em procurar e resolvêr problemas dificeis: gostará de caça e de toda a especie de explorações: desejo vehemente d'aprendêr, amôr da sciencia e do bello. Será mau para inimigo. Autoritario, de juizo recto, reservado, pautado, regularmente intelligente, concupiscente, teimoso.

Vigoroso; resfriará raramente. O calor natural incomoda-o atrozmente.

Apesar de todos estes predicados de vez em quando, assalta-o uma timidez que não pode explicar.

Descura ás vezes os cuidados da mais rudimentar hygiene.

Gosta de bebidas alcoolicas, mas a sua natural prudencia evita que d'ellas abuse.

Casará cêdo; será pae de muitos filhos.

Terá uma terrivel doença aos trinta e nove annos. Escapará d'ella e d'ahi por diante gosará muita saude.

Fará algumas viagens.

Na vida do sr. Vasco não haverá nenhum d'estes acontecimentos excepcionaes que marcam epoca na existencia d'uma pessoa.

Mar calmo que ligeiras brisas farão raras vezes encrespar.

G. C.



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA.

### Semana Alegre

Alguem censurou a um pae o querer casar seu filho, pelo facto d'este ser muito novo.

— Espera que passem mais alguns annos, que lhe chegue a idade da razão, do pensar.

— Pois sim, mas se lhe chega essa idade não quer casar-se com certeza.

## CURIOSIDADES

Uma das ultimas estatisticas diz que em toda a Europa se fabricam diariamente oitenta milhões de alfinetes.

A rainha Victoria de Inglaterra teve um collar, que lhe foi offerecido em 1838, formado por 2783 diamantes, 277 perolas, 27 esmeraldas, 12 saphiras e 5 rubis.



## THEATROS E CIRCOS

Por absoluta falta de espaço não podemos dar hoje a nossa opinião acerca das peças que subiram á scena na semana passada.

Tambem recebemos uma nova carta de *Ignorante*, ainda sobre a nossa apreciação do *Raffles* carta a que pouco temos a dizer, o que faremos no proximo numero, mas desde já lhe agradecemos a amabilidade das suas palavras.

### Figuras do Palco



A ACTRIZ

Lucilla Simões

### Cumulos

Da *intrepidez*—Cair das nuvens

Deitar fora agua do chafariz de dentro

Ler um livro de folhas de couve

Fazer ladrar um cão d'espingarda

## POSTA RESTANTE

*Novato X.*—Não publicamos secção n'esse genero.

*Antonio B.*... — Não podemos publicar os seus versos que estão, realmente, bem feitos, mas o nosso semanario não tem absolutamente nada com os acontecimentos politicos.

*J. R. A.* — Já em tempo dissemos que as dimensões do *Azulejos* não eram como as da legoa da Povoá. E' impossivel darmos aos nossos leitores um conto que chegaria para duzentos numeros.

*U. V.*— Tivemos um trabalho para ler a carta que nos mandou; é um verdadeiro enigma paleographico. Os versos que a acompanhavam são, porem, ainda mais enigmaticos, excepto na medição e nos accentos predominantes; está tudo fora do seu lugar. Damos-lhe um conselho e é de amigo: aprenda a fazer versos e depois de copiados por quem saiba alguma coisa de calligraphia, mande.



**QUAL É A COISA,**

**QUAL É ELLA?**

## O CONCURSO DA 2.ª SÉRIE Premio-UM TINTEIRO DE PRATA

### Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 números da 2.ª Série, maior numero d'artigos, alem de 150.  
2.ª—Enviar-nos, no intervallo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.

As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

### DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradores resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos-encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradores que ficarem classificados em 2.º e 3.º logares.

### Lista dos decifradores

DOM  
N.ºs 16, 17 e 18

#### Em concurso

Marianno Ribeiro—N.º 16, 11 (Todas)—N.º 17, 12 (23)—Olissipos—N.º 16, 8-N.º 17, 11- (19)—A. Lobato Adegas—N.º 16, 3-N.º 17, 7- (10)—José da Costa—N.º 16, 8-N.º 17, 13 (Todas)—(21)—Açnarepse—N.º 16, 9-N.º 17, 13 (Todas)—(22)—Solrac—N.º 16, 6-N.º 17, 12- (18)—Grupo dos Nove—N.º 16, 9-N.º 17, 11- (20)—Tira Mitras & C.ª—N.º 16, 9-N.º 17, 10-N.º 18, 11- (30)—Sado—N.º 16, 5-N.º 17, 11-N.º 18, 11- (27)—Fernandes Sousa—N.º 16, 11 (Todas)—N.º 17, 13 (Todas)—N.º 18, 9 (33)—Luit Ceia—N.º 16, 7-N.º 17, 10-N.º 18, 7- (24)—Celeste—N.º 16, 10-N.º 17, 12-N.º 18, 11- (33)—Litrás—N.º 16, 11 (Todas)—N.º 17, 12 (23)—Galucho audacioso—N.º 16, 8-N.º 17, 8-N.º 18, 8- (24)—T. Maia Mendes—N.º 16, 10-N.º 17, 12-N.º 18, 11- (33)—Bailio—N.º 16, 9-N.º 17, 10-N.º 18, 10- (29)—Sombrío—N.º 16, 10-N.º 17, 11-N.º 18, 11- (32)—Giliosa—N.º 16, 8-N.º 17, 11-N.º 18, 10- (29)—Apollo—N.º 16, 8-N.º 17, 11-N.º 18, 7 (26)—R. Passos—N.º 16, 10-N.º 17, 9-N.º 18, 8- (27)—Almeida Cyrne—N.º 16, 10-N.º 17, 12-N.º 18, 10- (32)—Polar—N.º 16, 10-N.º 17, 12-N.º 18, 11- (33).

Litrás e Mariano Ribeiro—As decifrações do n.º 18 não são válidas. Chegaram em 27 e 28, depois do jornal saído.

#### Fóra de Concurso

N.º 16—Grupo dos nove—N.º 16, 17—Trigo.

### Logogrifho

#### Rapido

Moeda	Operario
1, 2, 3, 4	5, 6, 7, 8, 9, 10
	Planta

J. P.



### Charadas

De formas mui variadas  
Sou larga, curta, comprida.  
De vidro, de panno ou seda,  
Sou direita e sou torcida.—2

Para os que bem procurarem  
E quizerem conhecer-me,  
'Studem o mappa africano  
E lá, de certo, hão de ver-me.—2

Dizem alguns entendidos,  
Que estudam os vegetaes,  
Ser planta mui conhecida  
E vulgar nos matagaes.

### Enygmás

O meu todo, dos mais simples  
Tem apenas letras tres,  
E, por signal, repetidas  
Todas ellas uma vez.

Cabeça e pés são eguaes.  
Eguaes as duas do meio  
E, entre estas e aquellas,  
Fica a outra de permeio.

São dois terços consoantes,  
O restante uma vogal;  
Foi o nome que me deram  
Junto á pia baptismal.

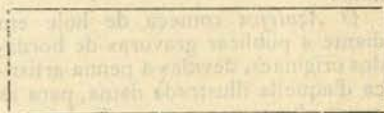
J. P.



#### Typographico

C

C. CORRÊA



#### Por iniciaes

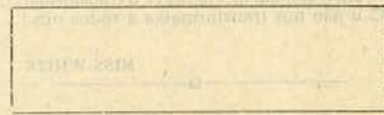
OBCSEOBSSO  
I I 3 2 I I I 2 2

SADO

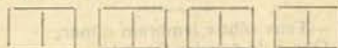


PEPSNV  
3 1 3 2 I 2

TIRA MITRAS & C.ª

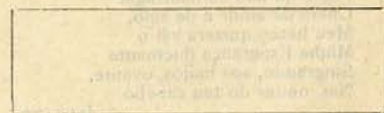


#### De palitos



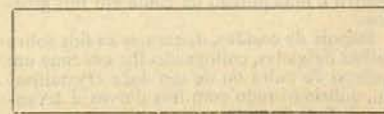
Tirando 4 palitos fica uma ave.

J. P.



Tirando 12 palitos é no homem a supina ignorancia.

J. P.



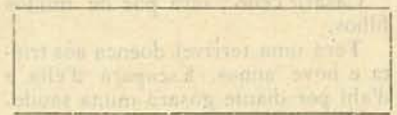
Artigosa decifrar, 13.

#### Novissimas

O numero está captivo pelo enxovalho-1-2

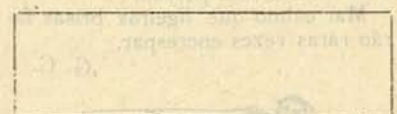
(Repete-se por ter sahido errada no numero anterior.)

PINGOLINHAS



O passaro que temos é peixe-2-2.

LITRAS



No principio da vida era este homem vigilante-1-1.

R. PASSOS



#### Biforme

A decencia embelleza-3.

AÇNAREPSE



#### Metamorphose

A marca está no braço-2. (C. P.)

CHAMPION



# ATENÇÃO

Vamos iniciar no **Azulejos** uma secção de annuncios de compra e venda de gado cavallar e muar, inteiramente nova no paiz e que nos parece de toda a vantagem para o Sport Hyppico.

O vendedor virá a esta redacção, onde por modico preço, obterá uma senha que lhe dá direito a quatro annuncios e a apresentar-se no picadeiro do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Gagliardi, R. D. Pedro V, 70, afim de lhe ser resenhado o respectivo cavallo, resenha que será publicada e pela qual o comprador saberá a altura, ferro, cor, raça e mais condicções do animal á venda.

Este jornal não recebe commissão alguma de venda ou compra.

Julgamos por esta forma preencher uma lacuna que pode ser util, visto como sómente pelo annuncio o comprador ficará sabendo se o animal á venda satisfaz aos requisitos que desejam.

# OS TEUS OLHOS

## FADO

Ernesto Magno.

INTRODUÇÃO

*animato* *f*

*sf* *rall* *p*

*Fado*

*pp*

*cresc. e rall.* *f* *p subito e a tempo.*

*cresc e rall* *f* *p subito e dim* *ppp*

NO PROXIMO NUMERO:  
MAZURKA—RAUL A. NUNES